

# Dificuldades ou desafios?

Leonor Santos

O que se aprende, o que se ensina e os modos como se ensina evoluem com o tempo. Decorrem de construções sociais moldadas pela herança cultural e pelo conhecimento que se vai construindo. Hoje, como no passado, há sempre aqueles que querem, a todo o custo e contra toda a evidência, que o mundo pare, pare no seu tempo de referência. Mas, felizmente, a história nunca lhes dá razão! Vivemos, assim, na actualidade, um novo período de desenvolvimento curricular no que respeita ao ensino e aprendizagem da Matemática no Ensino Básico.

As novas orientações curriculares expressas no Novo Programa de Matemática para o Ensino Básico têm vindo a ser objecto de análise. Gostaria aqui apenas de destacar a importância que hoje se reafirma de se desenvolver uma aprendizagem com compreensão. Por outras palavras, da necessidade de não só se saber, mas ser-se capaz de mobilizar esse conhecimento na resolução de novas situações. Assim, são definidas capacidades específicas associadas a cada tópico matemático, bem como capacidades transversais a todos eles. Estas orientações, naturalmente, implicam novas formas de trabalhar dos professores. Exigem o recurso a diversos tipos de tarefas, de forma a constituírem-se experiências de aprendizagem adequadas aos fins a que se destinam, um ambiente de aprendizagem onde se valorizam, após um trabalho desenvolvido pelos alunos, momentos de discussão bem explorados pelos professores de forma a clarificar e dar significado ao que foi trabalhado, e sínteses das principais ideias e conceitos em presença. O papel do professor deverá ser moldado pela intencionalidade de promover, no decurso dos contextos de aprendizagem criados, uma intervenção avaliativa reguladora e propiciadora de aprendizagem.

O ano lectivo 2010/2011 é um ano marcante! Nele se generaliza, em todas as escolas do país, este novo programa de Matemática, a iniciar-se nos 1.º, 3.º, 5.º e 7.º anos de escolaridade. Mas, ao contrário do que acontece habitualmente no nosso país, mais de 400 agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas já anteciparam em um ano esta generalização. Existe, ainda, um conhecimento já construído no âmbito da experimentação deste programa, iniciado há dois anos em 40 turmas, concluída para os 1.º e 2.º ciclos, e

em fase de conclusão no 3.º ciclo de escolaridade. Esta variedade de situações, de vivências distintas, poderá, se os professores de Matemática assim o entenderem, constituir um contexto muito favorável para aqueles que apenas agora começam efectivamente a fazer a sua gestão curricular por este novo programa.

É de relembrar que embora apenas este ano lectivo aconteça a generalização do novo programa, o trabalho com os professores de Matemática do Ensino Básico em torno das suas orientações começou já uns anos antes. Este é o caso do acompanhamento feito pelos professores acompanhantes do Plano da Matemática I e, posteriormente, do Plano da Matemática II e da primeira fase de generalização do Novo Programa, junto dos respectivos coordenadores dos agrupamentos de escolas ou escolas não agrupadas. Associadas a estas medidas, as instituições escolares puderam contar com algumas condições que geriram de acordo com a forma que encontraram mais adequada às suas especificidades. Do mesmo modo, há a referir o trabalho desenvolvido, ao longo dos últimos anos, no âmbito do Programa de Formação Contínua para Professores de Matemática dos 1.º e 2.º ciclos. Já a formação dirigida ao 3.º ciclo foi menos abrangente, cobrindo um número mais reduzido de professores.

Embora a realidade aqui descrita seja claramente mais facilitadora para uma mudança de práticas quando comparada com anteriores momentos de renovação curricular, não tenhamos dúvidas que muitas serão as situações que os professores de Matemática do Ensino Básico terão de enfrentar, diferentes do que era o seu habitual no trabalho com os seus alunos. A questão que aqui vos deixo é se devemos entender estas situações como dificuldades ou antes como desafios a enfrentar. Não é apenas uma questão de terminologia, mas antes de atitude face à inovação. Quem as entender como desafios estará, certamente, mais disponível para aproveitar este momento para o seu próprio desenvolvimento profissional. Ganharão estes professores e, conseqüentemente, os seus alunos.

Leonor Santos  
Instituto de Educação, Universidade de Lisboa